

O LUGAR DAS PRÁTICAS DIALÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA¹

Salette Dubra Paes²

Resumo

Com o mercado de trabalho extremamente competitivo, o conhecimento da língua inglesa tornou-se uma ferramenta essencial para todos. Este trabalho é resultado da pesquisa que tem por objetivo investigar as práticas dialógicas no ensino de língua inglesa em cursos dirigidos a trabalhadores portuários. Toma como base fundamentos teóricos de Ortiz sobre a mundialização, além dos estudos de Freire e Bakhtin sobre a questão do dialogismo. O universo da pesquisa são estudantes trabalhadores, de nível universitário e de ensino médio, que buscam complementar sua formação em língua inglesa, com vistas a uma formação continuada. A abordagem é qualitativa e os dados foram colhidos por meio de aplicação de questionários a estudantes da língua inglesa, que retornaram à sala de aula, visando melhor qualificação profissional.

Palavras-chave: ensino de língua inglesa; práticas dialógicas; mundialização.

Abstract

In this extremely competitive job market, English has become an essential tool for everyone. This article is the result of the survey that has the objective of investigating the dialogical practices of English teaching in courses directed to port workers. It is based on Ortiz's theoretic principles about globalization, besides studies conducted by Freire and Bakhtin about the dialogism issue. The survey's universe consisted of college and high school level student workers who seek to complement their education in English language, with the purpose of continual training. The approach is qualitative and the data was gathered by means of applying questionnaires to English students, who went back to school in order to improve their professional qualifications.

Keywords: *English teaching; dialogical practices; globalization.*

Introdução

O estudo da língua Inglesa no mundo de hoje tornou-se obrigatório, não apenas porque a língua está presente em todos os momentos de nosso cotidiano, mas também porque seu conhecimento amplia as possibilidades de comunicação, seja nos negócios, nos estudos ou no lazer. O estudo de Ortiz (2006 p 20) traz reflexões sobre a importância da língua inglesa e mostra que “uma segunda língua é aprendida unicamente quando o falante estima que pode obter vantagens em utilizar outro idioma, cujo raio de atuação é mais amplo”. O autor nos remete à ideia de que, estando inserida no cenário mundializado, a língua inglesa proporciona vantagens aos que dela se utilizam, tendo em vista seu estatuto “de neutralidade”, que funciona

¹ Este artigo é resultado da pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação, da Universidade Católica de Santos, sob orientação da Profa. Dra. Irene Jeanete Lemos Gilberto

² Formada em Jornalismo. Aluna do Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação, da Universidade Católica de Santos.

sobretudo “como meio de comunicação mais abrangente” (ORTIZ, 2006 p. 21). De acordo com este autor, o conhecimento da língua inglesa é de extrema importância como veículo de comunicação no mundo dos negócios, possibilitando acordos na política internacional e nas áreas de importação e exportação.

A realização desta pesquisa foi motivada pelo desejo de conhecer como ocorre a aprendizagem da língua inglesa quando se trata de alunos adultos, que estão fora do ambiente da escola há um longo período e que buscam completar sua formação, seja por iniciativa própria, seja por solicitação das empresas onde trabalham, com vistas ao aperfeiçoamento da língua estrangeira para sua área no trabalho. Parte do pressuposto de que ser professor de língua inglesa, em cursos nos quais predomina a heterogeneidade da faixa etária, as diferentes culturas de alunos com níveis sócio-culturais diferentes e com níveis distintos de conhecimento, configura-se como um desafio para o profissional que se defronta com necessidade de práticas diferenciadas. Com base nos estudos de Bakhtin (1995) e Freire (1997), o presente trabalho busca responder a seguinte questão de pesquisa: Quais as possibilidades que o professor de língua inglesa tem para desenvolver as práticas dialógicas com classes heterogêneas, compostas em sua maioria por alunos trabalhadores?

A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou como procedimento metodológico para a coleta de dados, questionários que foram aplicados a estudantes de língua inglesa que participam de formação não escolar. O universo do estudo foi representado por alunos de nível universitário e ensino médio, em cursos que visam o aprimoramento do estudante com vistas à qualificação no mercado de trabalho. Com base nos dados colhidos com as respostas dos questionários, o presente trabalho traz reflexões sobre a percepção dos alunos sobre as práticas dos professores de língua inglesa, que possibilitaram reflexões sobre o aprendizado e domínio de outro idioma.

1- A questão da dialogicidade

Conforme nos ensina Freire (2007, p. 76), “o mundo está sendo” e “o meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervéem como sujeito de ocorrência”. O autor nos mostra que as práticas estão exigindo novas formas de ensinar e o diálogo e a troca de experiências inserem-se como componentes fundamentais na relação aluno-professor. O diálogo torna-se, assim, um instrumento determinante no ensino da língua inglesa, uma estratégia fundamental para o desenvolvimento do conhecimento do estudante e uma forma de participação colaborativa, que pode ser um componente importante no desenvolvimento da auto-estima dos alunos. No pensamento de Freire, o processo de educação é dialógico, possibilitando a ambos – professor e aluno -, desenvolver suas potencialidades de comunicação e de construção do saber. Para Freire (1997, p. 68):

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.

No pensamento do autor, os argumentos de autoridade são construídos durante o processo dialógico, o que exige do professor uma postura aberta ao diálogo, à co-

municação e ao imprevisto. Nas palavras de Freire (1997), fica claro que o professor deverá estar próximo ao aluno, não apenas de forma “mecânica”, ditando as normas, mas principalmente aberto para aprender com os estudantes e interagir com eles. Tendo em vista que a aprendizagem da língua inglesa pode ser estimulada também fora da escola, por meio da Internet, filmes, revistas, televisão, ambiente de trabalho ou mesmo nos rótulos de produtos importados no supermercado, cabe ao professor buscar alternativas que sensibilizem ao aluno compreender o cotidiano, e com ele dialogar em busca de novos saberes.

Canário (2005) também nos auxilia a compreender melhor a relação professor-aluno, ao referir-se à busca do estudante para aprimorar-se e assim melhorar sua condição de trabalho. Para o autor, a “aprendizagem na ação” apresenta-se como um dos caminhos possíveis para a aprendizagem e, sob esse aspecto, as experiências dos sujeitos são também fundamentais no processo.

[...] a aprendizagem corresponde a um trabalho que cada sujeito realiza sobre si próprio. Ao interagir com o mundo que o rodeia, cada sujeito constrói teorias que permanentemente testa através da ação. A articulação entre a informação e a experiência assume um papel central, o que se traduz em considerar cada sujeito como o principal recurso para a sua aprendizagem. A aprendizagem na ação supõe uma atividade de experimentação (CANÁRIO, 2005, p 70).

A interação entre professor e aluno possibilita a experimentação da linguagem, considerando que o conhecimento também ocorre na troca de experiências, no interior da sala de aula e no mundo do trabalho. Está presente na experimentação de novas palavras e na utilização de expressões técnicas, trazidas pelos alunos, o que pode resultar em trocas significativas para o grupo. Isso pode ocorrer em inúmeros contextos, de acordo com Canário (2005, p. 70):

[...] a aprendizagem é, no essencial, um processo difuso, não formal que é coincidente com um processo largo e multiforme de socialização. Decorre daqui que a aprendizagem ocorre em todos os contextos, o que significa que a maior parte dos contextos educativos não são contextos escolares. Aprender significa, então, a capacidade de cada sujeito se apropriar de uma oportunidade de aprender.

O diálogo, utilizado como metodologia na comunicação, pressupõe a mediação entre professores e alunos e entre grupos de alunos entre si. De acordo com Bakhtin (1995), não se trata apenas a comunicação entre duas pessoas, mas envolve interatividade.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, se não uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 1995, p 123).

2- As percepções de alunos sobre a aprendizagem da língua inglesa

A pesquisa buscou conhecer como ocorre a aprendizagem da língua inglesa por alunos trabalhadores, que retomaram os estudos, para melhorar seu desempenho dentro da empresa ou para qualificação no mercado de trabalho. Para tal, foi realizado inicialmente um mapeamento das respostas de alunos participantes de cursos de inglês, que responderam a questões do questionário e deram depoimentos sobre sua aprendizagem.

O perfil dos pesquisados, um total de 18 alunos, mostrou que 38,88% são do sexo masculino e 61,12% do sexo feminino. Uma porcentagem de 38,88% dos entrevistados encontra-se na faixa etária de 20-30 anos, sendo que apenas 5,56% estão na faixa acima de 50 anos. No universo pesquisado, há predominância da faixa etária de 30-40 anos. O estudo revelou que os pesquisados que se encontram nessa faixa etária buscam o conhecimento da língua inglesa com objetivo de ascensão profissional, sendo que alguns dentre eles atuam em cargos de chefia e outros têm expectativa de melhores salários e de ocupar melhor posição dentro do mercado de trabalho.

De acordo com os dados obtidos, em resultado parcial de pesquisa, alguns itens foram ressaltados, entre eles, a diferença encontrada pelos alunos entre o estudo da língua no passado e a metodologia utilizada nas atuais aulas, que auxiliam no aprendizado da língua. A análise dos dados mostrou que os estudantes pesquisados consideraram que o modelo predominante na escola de ensino médio ou fundamental, em tempos passados não foi adequado para o conhecimento da língua estrangeira, tendo em vista as práticas de memorização. Uma dos pesquisadas fez o seguinte depoimento:

Essas práticas são novidade para mim, no estudo do inglês. Anteriormente a matéria era imposta, como receita de bolo. Hoje com esses diálogos, se tornou mais rápida e interessante a fixação da matéria (Aluna C).

A implicação dos sujeitos na comunicação com o outro tem como base o processo cooperativo de interpretação, o que estimula a participação do grupo nas discussões sobre os conteúdos propostos. Conforme afirma Bakhtin (1995, p.133), “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, ao mas contrário, um ser cheio de palavras interiores”. Sob esse aspecto, o diálogo utilizado como técnica para a aprendizagem da língua inglesa constrói-se no contexto dos comentários efetivos do grupo, na interação dinâmica de duas dimensões: o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo, conforme nos ensina Bakhtin (1995). Com relação à metodologia, os participantes da pesquisa assinalaram a importância de aulas dinâmicas, que envolvam, além da conversação, filmes e leituras. O entrosamento entre os componentes do grupo também foi mencionado, confirmando-se a preferência por grupos pequenos, posto que essa estratégia facilita o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando que o aluno esteja em contato próximo com o professor.

Os participantes consideraram importante a continuidade e o aprofundamento do estudo da língua estrangeira ao longo da vida, embora tenham revelado dificuldades em conciliar essa necessidade com o tempo restrito que eles têm e que os impede muitas vezes de superar problemas relativos à assimilação das expressões, à gramática e meso em relação à pronúncia das palavras, visto que não utilizam o inglês em seu cotidiano. Esse aspecto foi retomado nas respostas, quando os pesquisados mostraram ser fundamental direcionar os conteúdos das aulas às especificidades

de suas áreas de atuação, justificando que o cansaço físico e mental, após um dia de trabalho, impede-os de assimilar os diferentes conteúdos como desejariam. Essas questões são relevantes, se pensarmos nas condições de estudo desses trabalhadores, muitos dos quais assistem às aulas nos períodos de almoço ou após o término do trabalho. Consideraram em suas respostas que incentivos como Bolsa de Estudos oferecida pelas empresas, além de horários flexíveis, poderiam ser de grande auxílio para o trabalhador que deseja dar continuidade aos seus estudos.

Outro aspecto apontado pelos pesquisados mostrou que, dos entrevistados, 50% acreditam que uma das grandes dificuldades em relação à aprendizagem é a auto-estima e o fato de os professores acreditarem em seu potencial. Uma porcentagem de 22,22% dos participantes identificou que há fatores facilitadores da aprendizagem de língua inglesa e que a auto-estima facilita o processo ensino-aprendizagem; 5,56% apontaram como fator de auto-estima o clima satisfatório no ambiente de trabalho. Para muitos participantes, o entrosamento, a amizade entre os componentes do grupo são fatores que contribuem para o incentivo e a auto-estima do estudante.

A interação com o grupo, a concepção de aula como “encontros entre amigos”, nas quais não há medo de errar, representa um dos fatores de libertação do aluno em relação às barreiras, cristalizadas por ele desde o período do ensino médio. Observou-se que, quanto menor o nível de escolaridade, mais o trabalhador cria barreiras psicológicas para a aprendizagem da língua inglesa, acreditando que não conseguirá desenvolver corretamente as atividades propostas. Estes alunos muitas vezes não estão habituados ao estudo e sentem-se inferiores perante os demais colegas, que possuem um nível de escolaridade maior. Cabe ao professor ajudá-los a desenvolver o seu potencial, utilizando métodos mais flexíveis, que respeitem as limitações dos alunos e que estejam voltados diretamente à área de trabalho e que abordem temas do cotidiano dos estudantes e suas vivências.

3- As práticas do professor de língua inglesa

O trabalho do professor não é apenas o de orientar, mas também envolve a observação do potencial dos alunos e as dificuldades por eles enfrentadas. Sob esse aspecto, para o ensino da língua estrangeira, a pedagogia da sensibilidade pode ser de grande ajuda, principalmente para aqueles que não possuem um bom nível sócio-cultural e podem, assim, desenvolver um domínio mais seguro do idioma. Ao professor cabe conhecer melhor seu aluno, considerando que se trata de uma pessoa, que é diferente das outras, buscando trabalhar com as potencialidades humanas e os interesses individuais.

A metodologia utilizada nas aulas pode fortalecer a auto-estima do aluno, que passa a acreditar no seu potencial. Segundo Martins (2001, p. 47), a confiança envolve: disposição para duvidar do medo, para aceitar as oportunidades que a vida oferece, para agir na certeza de que tudo é possível e para crer, mesmo quando seria fácil não crer. Ou seja, a confiança é sempre uma “disposição para”. Esta disposição pode ser uma estratégia inicial de contato que possibilite a realização da “viagem” para a compreensão do idioma estrangeiro. Contudo, visto no cotidiano das práticas, alguma questões sobressaem, entre elas: os estudantes estarão prontos para receber as críticas do grupo? Estarão prontos para a “viagem”, que envolve o lúdico e o jogo? Serão capazes de mostrar-se para o outro? Aceitam perder? Essas questões nos remetem a problemas enfrentados cotidianamente pelos professores de língua inglesa e podem representar verdadeiras barreiras psicológicas para a aprendizagem.

A observação com um grupo de alunos participantes de cursos de inglês mostrou que há mudanças no comportamento dos alunos: o líder de uma equipe no trabalho não se revelou tão bom na sala de aula; o extrovertido no dia-a-dia ficou tímido perante o grupo. Esses dados possibilitaram repensar as práticas desses cursos não-escolares na incorporação de narrativas dos alunos para quebrar vencer as barreiras que os impedem de mergulhar no idioma estrangeiro. A troca de experiências de vida e os debates sobre situações que aparentemente estão fora dos conteúdos podem contribuir para a compreensão de si e do outro. Cury (2001, p.72) comenta que “a educação da emoção não pode florescer se professores e alunos dividem o mesmo espaço físico e respiram o mesmo ar, mas não cruzam suas histórias, não falam das suas emoções”. Assim, a comunicação efetiva inicia-se com o saber diferenciar comportamentos de cada um dos alunos, aliada à transmissão de atenção e do respeito pelo potencial de cada aluno. Segundo Freire (1997, p.68)

[..] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.

Nas aulas de língua estrangeira, devido ao tempo reduzido dos cursos, o professor não tem tempo para uma observação e conhecimento profundo de seus alunos. As aulas são padronizadas, não há preocupação com o perfil heterogêneo da classe. A falta de avaliação e conhecimento maior do aluno poderão ser fatores que intensificam o medo expresso por alguns alunos de expor-se ao grupo, de falar em público e de desenvolver diálogos de participação. Esses fatores interferem no desenvolvimento das habilidades para a aprendizagem da língua inglesa. A aquisição de competências para o conhecimento da língua pressupõe criar condições para estimular e manter confiança do aluno em suas atividades, corroborando com as palavras de Freire (1996, p. 22), quando afirma que: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Segundo Martins (2001, p.11-12), o estudante tem que estar preparado para realizar uma tarefa, mas essa competência para essa realização ele não adquire somente com a quantificação dos conhecimentos específicos adquiridos. Também o fator emocional é de extrema relevância no processo de aprendizagem da língua estrangeira e pode explicar o bloqueio mental e as tensões dos alunos que se sentem postos à prova, quando chamados à participação no grupo.

Estando aberto à aprendizagem, à interação com o professor e com o grupo, o estudante poderá inteirar-se da melhor forma de utilizar no cotidiano o que foi aprendido em aula, praticando sem medo uma conversação numa ligação internacional, escrevendo cartas ou e-mails, ou ainda consultando sites na Internet.

Considerações

Este trabalho teve como objetivo trazer reflexões sobre a prática docente de professores de língua inglesa, tomando como dados uma pesquisa que procurou conhecer como as práticas dialógicas podem contribuir para a aprendizagem da língua inglesa. Tomou, como amostra, alunos de nível universitário e de ensino médio, que participam de cursos de língua inglesa, com objetivo de aprofundamento dos

conhecimentos para melhor atuar em suas atividades. Os dados colhidos com as respostas dos questionários possibilitaram trazer reflexões sobre as percepções dos alunos sobre as práticas dos professores de língua inglesa.

Os resultados mostraram que os alunos buscam o aprimoramento na língua inglesa movidos pelas exigências do mercado de trabalho, considerando que o fenômeno da globalização exige novas habilidades do trabalhador, entre elas, o domínio da língua inglesa. Assim, ao trabalhador não basta ter experiência de trabalho, ser formado em uma universidade e conhecer informática, tendo em vista que, em muitos casos, a chave para ser admitido em um novo emprego é a fluência na língua inglesa.

No entanto, o pouco tempo disponível desses alunos que buscam uma formação não-escolar para seu aprendizado, somado a fatores emocionais que dificultam o conhecimento da língua estrangeira fazem com que o professor busque uma metodologia que proporcione ao aluno prazer de estudar e incentive-o ao aprofundamento da língua.

Freire (2007, p. 79), ao definir a importância da interação com o outro, lembra que “mudar é difícil, mas é possível”. No caso do professor de inglês que ministra aula para trabalhadores de todos os níveis de ensino, um dos desafios, muitas vezes, está na resistência dos alunos em relação ao estudo da língua inglesa, visto que muitos consideram o inglês é “chato e difícil”. Conhecer melhor esse aluno em seu contexto de trabalho, fazê-lo refletir sobre as dificuldades do passado no estudo da língua inglesa e incentivar seu potencial para o conhecimento da língua são aspectos fundamentais para o desenvolvimento da língua, principalmente em se tratando de estudantes trabalhadores, que contam com poucas horas para estudo e muitas vezes não acreditam no seu potencial.

Dessa forma, a famosa frase de Shakespeare na peça “Hamlet” “To be or not to be”, lema inicial de muitos estudantes que retomam depois de algum tempo o estudo da língua inglesa, e cuja interpretação segundo eles é “ser ou não ser um bom aluno de inglês”, poderia ser transformada em possibilidade de aprendizagem para todos, desde que estejam abertos ao conhecimento. A aprendizagem da língua inglesa, conforme nos lembra Ortiz (2006), ocorre quando o estudante se conscientiza das vantagens na utilização do idioma, ou seja, é um processo que se desenha inicialmente no interior para depois concretizar-se no exterior.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- CANÁRIO, R. *O que é a Escola? Um “olhar” sociológico*. Portugal: Porto, 2005.
- CURY, A. J. *Treinamento e Emoção para ser feliz*. 39. ed. São Paulo: Academia de Inteligência, 2001.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- _____. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MARTINS, L.C. *Capital Emocional*. São Paulo: Suma Econômica, 2001.
- ORTIZ, R. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006.